

O ENVELHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Antonio Pajoli¹

RESUMO: Este artigo apresenta alguns conceitos da obra de Carl Gustav Jung a respeito do envelhecimento. Analisa a comparação de Jung entre as fases da vida e o movimento do Sol ao longo do dia. E, tomando como exemplo duas histórias -- a lenda da Sibila Cumana e o filme “A Substância” -- apresenta o problema de como a sociedade contemporânea trata o envelhecer. O culto exagerado da juventude e da beleza em paralelo ao percurso individual rumo à morte. Por fim, apresenta a ideia da metanoia, como processo de transformação psíquica essencial à individuação.

Palavras-chave: Envelhecimento. Fases da Vida. Metanoia. Morte. Sibila Cumana. A Substância.

¹ Especialista em Psicologia Analítica pelo CEJAA - Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados.

“Se a juventude soubesse, se a velhice pudesse.”

Henri Estienne

Segundo Carl Gustav Jung, “falar dos problemas das etapas da vida do homem é uma tarefa por demais exigente, pois esta significa nada menos do que traçar um quadro de toda a vida psíquica, desde o berço até a sepultura”. (Jung, 2013, pg. 343). São quatro as etapas da vida humana de acordo com Jung: infância (do nascimento até a puberdade), juventude (da puberdade até 40 anos), meia-idade (dos 40 aos 60 anos) e velhice (a partir de 60 anos). Por se tratar de um dos processos mais desafiadores da vida humana, especialmente na contemporaneidade, o envelhecimento a partir da segunda metade da vida é o foco deste artigo.

Ciclo da Vida – Ciclo do Sol

Jung comparou as etapas da vida ao ciclo do Sol ao longo do dia. Ao nascer, o Sol inicia seu movimento ascendente no céu e, gradualmente, expande sua luz para iluminar o dia. A infância e a juventude correspondem a esse período de expansão da consciência, de busca dos objetivos na vida e de ansiedade em relação ao futuro desconhecido.

“Os cento e oitenta graus do arco de nossa vida podem ser divididos em quatro partes. O primeiro quarto, situado à leste, é a infância, aquele estado sem problemas conscientes, no qual somos um problema para os outros, mas ainda não temos consciência de nossos próprios problemas.” (Jung, 2013, pg. 360)

Ao meio-dia, o Sol atinge o ponto mais alto de sua trajetória, de onde irradia sua clareza e intensidade. A fase adulta corresponde a esse apogeu, quando idealmente, o ser humano teria plena consciência de seu percurso e realizações. A partir de então, passaria a trilhar um período de amadurecimento propício à reflexão, ao intelecto, à espiritualidade.

“Os problemas conscientes ocupam o segundo e terceiro quartos, enquanto no último quarto, na extrema velhice, mergulhamos naquela

situação em que, a despeito do estado de nossa consciência, voltamos a ser uma espécie de problema para os outros.” (Jung, 2013, pg. 360)

Nesse período da tarde, acontece o movimento descendente do Sol, quando sua luz decresce e reserva os últimos raios para o poente e o desaparecimento no horizonte. Este corresponde ao período do envelhecimento, em que o declínio físico se torna mais acentuado, rumo a meta final de sua trajetória.

“Precisamente ao meio-dia, o Sol começa a declinar e este declínio significa uma inversão de todos os valores e ideais cultivados durante a manhã. O Sol torna-se, então, contraditório consigo mesmo. É como se recolhesse dentro de si seus próprios raios, em vez de emití-los. A luz e o calor diminuem e por fim se extinguem.” (Jung, 2013, pg. 354)

O movimento descendente do Sol ao longo da tarde representa uma diminuição de sua força, mas não necessariamente de sua beleza, especialmente se realizarmos o poente como uma transição de intensa magia entre o final do dia e a escuridão da noite.

Na trajetória humana, assumir o envelhecimento como um profícuo período de interiorização e contato com o inconsciente não é tarefa fácil. Esse desafio acontece, muitas vezes, em um contexto de negação da velhice, no qual a mídia a compara à juventude, tentando vender a ideia do envelhecer com saúde, vigor e beleza. Pouco se fala em envelhecer com sabedoria ou amadurecer com satisfação. Ao contrário, envelhecer bem seria simplesmente exercer a idade cronológica com os mesmos atributos de décadas precedentes.

A sociedade atual não é a mais amigável desse período importante, em que o declínio do corpo físico se acentua, os questionamentos sobre a própria vida vem à tona, e a vontade de transformação não é a mesma que em outras fases da vida. A longevidade está aumentando, os avanços das ciências médicas e dos negócios farmacêuticos prometem uma expectativa média de vida bem superior àquela que conheceu Jung na Suíça do século XX. Dizia ele que “o ser humano não chegaria aos setenta ou oitenta anos se esta longevidade não tivesse um significado para a sua espécie”. (Jung, 2013, pg. 356). Em geral, hoje pode-se falar em uma maior longevidade do que aquela que conheceu Jung, mas a grande questão é saber o quanto o sujeito contemporâneo está preparado para esse prolongamento de sua trajetória terrena.

Do ponto de vista fisiológico, os recursos se tornam mais promissores. Do ponto de vista psíquico, a busca de equilíbrio para olhar de frente para a meta final é o grande desafio. Porque depois da velhice, inevitavelmente vem a morte. E contra isso, ainda não surgiram mecanismos ou procedimentos suficientes.

“Quando vamos envelhecendo, a morte e a efemeridade são conceitos que se aproximam de modo mais contundente e a aceitação da própria natureza humana – com seus ciclos de nascimento e morte – é uma tarefa árdua e inevitável.” (Souza, 2018, pg. 207)

A Sibila Cumana

Reza a lenda que, em tempos muito antigos, na região que atualmente corresponde à costa sudoeste da Itália, mais precisamente na cidade de Cuma, uma sacerdotisa do oráculo de Apolo viveu um forte embate com o envelhecimento.

Chamada de Sibila Cumana, ela não tardou em despertar a paixão de Apolo, que então ofereceu-lhe qualquer coisa, desde que ela se tornasse sua sacerdotisa. Sem titubear, ela pediu à Apolo a imortalidade, mas se esqueceu de pedir a juventude. A Sibila foi ficando cada vez mais velha, seu corpo atrofiado e cada vez mais escassa qualquer beleza ou vigor. Até que seu corpo ficou pequeno e desgastado como o de uma cigarra.

Então, decidiram colocá-la em uma jaula no templo de Apolo, até que o corpo desaparecesse e só restasse sua voz. Desprovida de carne e osso, ainda assim, a sibila continuou realizando a sua atividade oracular em uma caverna conhecida como "A Caverna da Sibila", onde a sacerdotisa, inspirada pela divindade, transcreveu suas profecias em folhas de palmeira, as quais, misturadas pelos ventos vindos das cem aberturas da caverna, foram chamadas "sibilinas".

Nesta lenda, a figura de Apolo representa a sociedade contemporânea, que valoriza a beleza e a juventude até o momento em que essas terminam, restando ao indivíduo o ostracismo e a repressão de sua experiência e sabedoria.

A Substância

O eterno conflito com o envelhecimento permanece tão atemporal que o filme de 2024 “A Substância” conta mais uma história de enfrentamento do

envelhecimento e da morte, até as últimas consequências. No filme, a personagem Elizabeth vive o dilema de perder seu protagonismo como apresentadora de um programa televisivo de saúde e bem-estar, quando sua estética começa a se transformar. Chegando aos 50 anos, as marcas da vida refletidas em um corpo com menos brilho e colágeno passam a assombrar a persona construída com base nos pilares da beleza e da juventude. A máscara se desfaz quando Elizabeth não apresenta mais para a sua audiência o mesmo rosto e o mesmo corpo que a tornaram célebre, em sua juventude.

“Persona é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite”. (Hall e Nordby, 2021, pg. 39)

Durante o sucesso, a sociedade não apenas aceitou Elizabeth, como também a consagrou como símbolo de beleza. Entretanto, a mesma mídia que a construiu e projetou, busca um novo símbolo jovem para substituí-la no programa de televisão. Ela passa a viver um conflito entre a perda do reconhecimento e a necessidade de construir um novo olhar para si mesma.

A negação de sua nova fase da vida a faz correr atrás de uma solução milagrosa, uma substância que, se injetada e utilizada conforme as prescrições, traria de volta o corpo escultural, a pele marmorizada e os traços belos e vigorosos que a acompanharam em sua juventude.

“Quando um indivíduo deixa-se enleiar demais ou se preocupa excessivamente com o papel que está desempenhando, e seu ego começa a se identificar unicamente com tal papel, os demais aspectos de sua personalidade são postos de lado. Tal indivíduo governado pela persona torna-se alheio à sua natureza e vive em estado de tensão em razão do conflito entre a persona superdesenvolvida e as partes subdesenvolvidas de sua personalidade.” (Hall e Nordby, 2021, pg. 40)

O filme “A Substância” expõe, de forma real e metafórica, o grande conflito do envelhecimento: a necessidade do indivíduo ser reconhecido e amado por uma sociedade que discrimina, isola e rejeita, em função da idade.

Metanoia

A metanoia, que pode ocorrer em diferentes períodos da vida, significa uma intensa transformação psíquica, repleta de questionamentos sobre as frustrações do passado e as impossibilidades de um futuro cada vez mais limitado pelo tempo cronológico.

O período metanoico está para os aspectos mentais, assim como a menopausa e a andropausa estão para os aspectos fisiológicos do ser humano. Não necessariamente, a metanoia acontece próxima ao entardecer da vida, mas é comum acompanhar esse período.

“Embora possam se dar em qualquer fase da existência, as experiências de metanoia são especialmente associadas à segunda metade da vida. É nesse período que o indivíduo, em seu processo rumo à morte física, precisa se voltar para seu interior e promover importantes mortes simbólicas ao ser pressionado pelo Self, que tenta se impor na psique, clamando pela ressignificação de velhos padrões, integração na consciência de traumas e aspectos da personalidade reprimidos na Sombra, e por uma série de profundas transformações de referências, interesses, crenças e visão de mundo.” (Germann, 2023, pg. 5)

O envelhecimento como período que antecede a morte pede alguns cuidados, seja por parte do sujeito como por parte do analista. Ressignificar um período de declínio natural, encontrando alternativas saudáveis e equilibradas para o final da vida continua sendo um grande desafio, como já dizia Jung:

“Normalmente a vida do jovem está sob o signo de uma expansão geral, em vista de uma meta precisa a ser atingida. Parece que a sua neurose provém, sobretudo, da hesitação ou do recuo diante do rumo a seguir. Em contrapartida, a vida da pessoa que envelhece está sob o signo da contração das forças, da confirmação do que já foi alcançado e da diminuição da expansão. Sua neurose consiste essencialmente em querer persistir inadequadamente numa atitude juvenil. Assim como o jovem neurótico teme a vida, o velho recua diante da morte.” (Jung, 2009, § 75)

A metanoia reflete um período intenso de renovação, não do físico, mas de intenções e significados, sem o qual não é possível individuar-se. Quando associada ao envelhecimento, requer um novo olhar para esse entardecer da vida, um crescente cuidado com o físico, acompanhado de uma busca de serenidade e conforto para a alma.

Conclusão

Desidentificar-se das personas, olhar para dentro, descobrir o sombrio de sua existência, aquilo que por tanto tempo ficou oculto e reprimido, este sim era o desafio da Sibila Cumana, como da protagonista do filme A Substância. As duas representam o ser humano prostrado diante da vida, preso ao passado e carente de energia física e psíquica para o seu prosseguimento.

“Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida se inverte a parábola e nasce a morte.” (Jung, 2013, pg. 364)

O enfrentamento das imposições sociais pode ser o desafio para se conquistar um envelhecimento são e sereno. Desta forma, o indivíduo pode seguir com seu processo de individuação, marcado por mortes e renascimentos simbólicos.

Referências Bibliográficas:

GERMANN, Paula. **Morte e Renascimento**. Rio de Janeiro: CEJAA Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados, 2023.

<https://www.cejaa.com/publicações-analistas>

HALL, Calvin S. e NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. 2ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2021. ISBN 978-65-5736-107-8.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 10ª Edição. São Paulo: Vozes, 2013. ISBN 978-85-326-0680-8.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. ISBN 978-85-326-4119-9.

SOUZA, Ana Célia Rodrigues de. **Morte e Luto: a psiquiatria sem drogas e as enfermidades míticas no cinema**. 1ª Edição. Curitiba: Appris, 2018. ISBN 978-85-473-1482-8.

